

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Volta de São Paulo

Class.: 91X-Quam/Vintes

Data: 19/04/82

Pg.: _____

ESP 19.4.82 O ministro no Parque

EUNICE RIBEIRO DURHAM

A briu-se a Semana do Índio com uma visita do ministro Mário Andreazza ao Parque Nacional do Xingu. Realmente, não se podia esperar que fosse a outro lugar. Afinal de contas, há muitos anos que o Xingu cumpre garbosamente o papel de compor um cenário de cartão postal, sempre disponível para oferecer uma visão idílica dos índios brasileiros. Belos Kamaiurá lutando huka-huka podem ser fotografados mais uma vez atestando, para o Brasil e o mundo, o destino feliz dos nossos povos nativos.

É pena que um outro fato muito significativo, ocorrido junto com a visita do ministro, não tenha sido igualmente noticiado: o cel. Ivan Zanone Hausen, responsável pela Assessoria de Pesquisa da Funai, proibiu o acesso ao Parque, por tempo indeterminado, a todos os antropólogos, interrompendo assim pelo menos quatro pesquisas em andamento e impedindo o início de qualquer outra. Essa medida teve, certamente, o efeito benéfico e imediata de impedir que perguntas indesejáveis e fatos desagradáveis pudessem perturbar tanto a visita do ministro como a imagem gloriosa do Parque transmitida pelas assessorias de imprensa.

Foi mesmo uma sábia medida. Podemos ter certeza agora que ninguém vai falar do ministro (ou pior ainda, à imprensa) sobre a triste deterioração das condições de vida que afeta profundamente as aldeias mais afastadas do Posto. Ninguém vai pedir a ele que se informe sobre o atendimento médico, para verificar se o surto de sarampo do ano passado foi apenas um episódio esporádico ou decorre de uma crescente falta de recursos e de planejamento. Nem se mencionará o incidente no qual o atual encarregado do Parque ameaçou um índio com um revólver, o que de tal forma impressionou os grupos mais pacíficos, que eles não têm coragem de levar à administração suas queixas e problemas; preferem pedir a intervenção dos antropólogos que lá fazem, ou melhor, faziam suas pesquisas. Índios intimidados não importunarão as autoridades com questões incômodas, e assim as mazelas da atual administração do Parque continuarão ignoradas. Em

suma, ninguém vai se desiludir, espianando o que há atrás do cartão postal.

De fato, o Parque Nacional do Xingu já foi a mais criativa das iniciativas do indigenismo brasileiro, fruto da visão, do esforço e do amor pelos índios que marcaram a atuação dos irmãos Vilas-Boas. Nele, não se procurou simplesmente preservar em redoma as culturas originais mas, pacificando e atraindo grupos hostis, promovendo a paz interna e estimulando o contato entre tribos antes inimigas, controlando mas não impedindo o acesso aos produtos industrializados, os irmãos Vilas-Boas provocaram um maravilhoso florescimento cultural, onde a dança, a música, a luta ritual e as festas se enriqueceram e adquiriram novos significados.

A Funai incorporou o Parque depois da obra realizada, mas não assimilou a experiência que ali se havia feito. A própria idéia de Parque, em oposição às pobres reservas tradicionais, jamais foi generalizada como solução para outros grupos que dela poderiam se beneficiar. Por outro lado, a Funai permitiu a redução dos limites originais da área, facilitou sua mutilação pela construção de uma estrada cujo traçado era tão impróprio quanto desnecessário e mostrou-se, até hoje, incapaz de demarcar o Parque assegurando, pelo menos, sua extensão atual. Em compensação, apropriou-se integralmente de todos os benefícios da propaganda que pode ser construída através da imagem de índios fortes e saudáveis, ricamente adornados, que se integram aos prazeres da luta corporal, da dança e da música.

O Parque, proibido à pesquisa e ao trabalho científico, está permanentemente aberto à televisão e às revistas ilustradas (que se limitam a ver e a mostrar o que lhes é indicado). Foi inclusive a decisão de permitir a filmagem de uma novela no Xingu que motivou o afastamento do último superintendente digno desse nome, o indigenista e antropólogo Olímpio Senra. Substituído este pelo tratorista do Posto, pôde a TV Tupi filmar em paz a sua novela e o Parque começou a sofrer um processo acelerado de decadência.

Hoje, os recursos destinados aos índios são utilizados como instrumentos

de poder pessoal pelo atual superintendente que, através deles, cria aliados e intimida dissidências. Não resta dúvida que o Parque modernizou-se, ingressando no estilo malufista de administração pública.

Infelizmente, aumentou perigosamente o nível de insatisfação interna e acirraram-se rivalidades intertribais. Os índios, sem acesso regular aos bens que desejam e necessitam, cada vez mais frequentemente saem do Parque em expedições individuais para trocar objetos, obter recursos e ventilar queixas. Sem assistência e sem experiência desse tipo de contato, expõem-se a incidentes difíceis de prever e há pelo menos dois casos registrados de índios que desapareceram misteriosamente nessas aventuras. Não há também qualquer medida para prevenir possível contágio de gripe, tuberculose e doenças venéreas que essas viagens possam provocar. Do mesmo modo, não se cogitou até agora de orientar os índios para o contato cada vez mais intenso a que estão se submetendo, nem há qualquer plano realista para incentivar sua maior autonomia econômica e política.

Apesar desses probleminhas, podemos ficar descansados porque tudo acabou de ser resolvido. Varreu-se a sujeira para baixo do tapete. Os antropólogos foram impedidos de trabalhar no parque. Fatos desagradáveis não mais serão denunciados. Relatórios que apontam problemas não mais serão enviados e o cel. Zanone não terá mais que se dar ao trabalho de ocultá-los, desmenti-los ou desacreditá-los. Perdeu-se com isso, é verdade, a presença de um bode expiatório confortável, que podia ser acusado de criar o faccionalismo, destruir o artesanato, indispor os índios contra a Funai e mais qualquer coisa que se fizesse necessária. Mas isso importa pouco, na verdade, porque de agora em diante os problemas podem ser abolidos por decreto e a TV poderá continuar a filmar, por uns poucos anos, os índios lutando huka-huka.

Viva o Xingu!

Eunice Ribeiro Durham é professora de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo.